

A PSICANÁLISE DO LIXO*

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência

Vieira, M. A. Objeto, objeto a. *Opção Lacaniana*, vol. 50, EBP, São Paulo, pp. 263-267, 2007.



Uma análise tem algo de faxina. Esbarra sempre com o conhecido sentimento de todo aquele que arruma sua casa: "tenho coisas demais aqui". Restringir-se ao essencial, contudo, não dissipa a estranheza, pois o mais íntimo objeto nunca é singular o bastante. Não é preciso, assim, buscar jacarés sob a cama para verificar o célebre dito freudiano: “O eu não é mais senhor em sua morada”. Basta perceber o quanto nossas posses são, de fato, do Outro.

O jogo analítico transcorre entre um sujeito e este Outro. O primeiro busca um nome para sua singularidade, única coisa que o segundo não detém. Esta falta de um nome, no entanto, preserva um espaço não colonizado pelo Outro que será, por isso mesmo, essencial para o desenlace do tratamento.

Quanto à origem desta falta, Freud remete ao assassinato mítico do Pai. Morto, ele leva consigo o segredo da junção entre o gozo, singular, e o saber, universal. Órfãos desta proeza paterna, os filhos partilharão esta incapacidade e se constituirão como corpo social exatamente em torno deste furo.

Lacan, a partir de seu décimo seminário, acrescenta sua invenção a este quadro freudiano, o objeto *a*. A castração ganha um correlato concreto, pois como todo objeto é do Outro, será preciso, para que nele se inscreva a falta, que algo seja perdido. O corpo, também emprestado pelo Outro, será o espaço de onde se extrai este irreduzível resto. Sua forma mítica será a da placenta-*lamela*: fio de navalha entre eu e Outro - nem de um, nem de outro. Sua apresentação subjetiva não se fará sem angústia pois, do lado do sujeito, eclipsa o Outro e do lado do Outro esmaga o sujeito.

* Texto redigido para o volume preparatório do Congresso da *Associação Mundial de Psicanálise*, Roma, “O Nome do Pai, prescindir, servir-se dele”, 2006.

O objeto *a* questiona, contudo, o mito freudiano por colocar seu modo de localização da falta sob suspeita. Ela pode se apagar caso o objeto se apresente. Seria, então, a perda do objeto exclusivamente correlativa do advento do Nome do pai? O mito da lamela não seria, de alguma forma, “anterior” ao do Pai? Não o situaria no registro do sonho, por exemplo, e não mais do mito?¹



Interrogar a função paterna, implica em admitir mudanças na configuração do Outro. É o que demonstra J. A. Miller ao deslocar nossa abordagem habitual deste parceiro fundamental do sujeito. Temos como hábito supor que o essencial em uma análise se situa entre a série de ditos, do Outro, que ali são retomados e um dizer, do sujeito, que neles insiste (sem em nenhum deles consistir). J. A. Miller, propõe, no entanto, dirigir nosso foco para o espaço que se situa em um ponto anterior ao dos próprios enunciados.

Ele valoriza a noção de que as falas do Outro, interrogadas em uma análise quanto à sua significação, são sempre efeito de algo ouvido. São o que, disto que se ouviu, decantou-se, inscreveu-se. São o que se pôde, em algo ouvido, ouvir. Neste sentido, o ouvido preexiste sempre ao escutado. Desta forma, o par *dito* e *dizer* é deslocado, pois o essencial acontece entre um *ouvido* e o *dito* que nele foi escutado.²

É o que este novo par indica quanto a uma mudança no estatuto de nosso parceiro fundamental. Um dito é um pareamento de significantes, uma cadeia mínima. Marca do estruturalismo lacaniano, exige uma lacuna essencial entre seus elementos, S1-S2, onde se aninha o sujeito e seu dizer. O Outro do dito é, assim, acompanhado por sua falta. Já o Outro “do ouvido”, por sua vez, inscreve-se, antes de mais nada, como presença opaca. A experiência paradigmática da injúria, ou mesmo da alucinação imperativa, nos dá uma idéia aproximada do que seria esta presença maciça, do significante no real.³

Com este Outro lida o final de uma análise, demonstra o testemunho de passe de Leonor Ferfer. Uma vez o quadro da fantasia depurado, ela se vê presa de um Outro cuja presença é a de “uma boca colada no ouvido”. A interpretação situa um “você escuta muito, há muita acumulação e pouco resto”. Delineia-se uma lâmina-litoral entre a boca no ouvido e a orelha do analisante, de onde a extração de um resto levará à possibilidade de se desescutar o Outro.⁴

Algo deve se interpor entre o ouvido e o que virá a ser um dito, algo que corte o fluxo contínuo de sons e permita recortá-lo em ditos diversos. É o que experimenta um

personagem de *Budapeste*, de Chico Buarque, ao ouvir o jornal na TV húngara: "Eu não tinha como saber onde cada palavra começava ou até onde ia, era impossível destacar uma palavra da outra, seria como pretender cortar um rio com uma faca (...). Vinha eu escutando aqueles sons amalgamados quando de repente escutei a palavra clandestina: *Lufthansa*. Sim, era a brecha que me permitiria destrinchar todo o vocabulário".⁵

Em ambos os casos, porém, não foi uma falta que agiu. Podemos - aproveitando a homofonia que o português permite - dizer que em vez de um *olvido* (o esquecimento fundamental do recalque) entre ouvido e dito, encontramos um resto, "única prova e garantia da alteridade do Outro".⁶

Este Outro é curiosamente próximo do parceiro maior do homem contemporâneo. Descrito por J. A. Miller como *nãotodo*. Ele é uma forma social distinta do coletivo dos irmãos, em que a limitação pela exceção paterna é regra.⁷ Não se organiza em torno de um furo central. Por faltar-lhe a falta é essencialmente sem forma. Para que possamos imaginá-lo basta tomar o que chamamos habitualmente de "mercado" como uma bem acabada forma de vida "nãotodista". É caprichoso, sem fronteiras precisas. Nenhum objeto, porém, furta-se a ele. Os índios? Já têm celular. Os monges tibetanos? Lançam best-sellers.

As mães o conhecem bem. Elas, mesmo sabendo muito, submetiam-se, até há pouco tempo, a um Outro hierarquizado e transmitiam a eficácia da falta ao consentir com um saber maior, fora de alcance. Hoje sabem pouco, mas têm como parceiro prevalente um Outro que dispõe virtualmente de todas as respostas em pequenos saberes, à distância de um clique. À primeira dificuldade com a criança convoca-se um grande número de especialistas, chega-se rapidamente a uma objetivação diagnóstica hiperativa e a um comprimido de ritalina.



Em vez da falta no Outro como elemento de constituição de um sujeito, vemos em ação um Outro virtualmente sem falta, que não lida com sujeitos, mas com objetos. O Outro nãotodo é correlativo do que J. A. Miller designou "chuva de objetos". São os "futilitários" (bem humorada tradução para os *gadgets*), que precipitam-se a partir da "ascensão ao zênite social do objeto *a*".⁸ Como, nestas circunstâncias, manter nossa concepção clínica do objeto como essencialmente inacessível?

Mais do que nunca temos a impressão de que a intermediação entre *ouvido* e *escutado* se esfumaça. Não faltam exemplo de sujeitos que passam ao ato criminoso sem que nada aparentemente pudesse ser convocado para explicar o que ocorreu a não ser a simples exortação à ação, por parte de amigos, por exemplo. A desproporção entre o ato e sua subjetivação parece ressaltar o esvaziamento da função do *olvido* paterno e a

necessidade premente de que algo venha se interpor entre o que diz um pai hoje e o que dali escuta um filho.

Em um mundo onde o silêncio não é mais o padrão-ouro do dizer, onde "o que não aparece, desaparece", o analista tem sido levado a dar corpo a seu desejo, apresentando-se na cidade – em hospitais, cárceres, favelas etc – para materializar o inconsciente. Não raro o vemos estabelecendo a distância entre ouvido e dito/escutado com seu próprio corpo, como se a psicanálise aplicada se confundisse com a linha de frente de uma guerra sem fronteiras. Que o seja, mas, ali, o analista deve lutar com seu objeto próprio que é tudo menos unidade corpórea.

Nestas delicadas situações talvez ainda tenhamos a aprender com a função-resto do objeto *a*. Quando a castração e o Pai fraquejam, quando a perda abandona os objetos, como parece ocorrer com relação ao Outro contemporâneo, talvez ainda se possa apoiar em sua função de “condensador de gozo”. Sua face de “pura consistência lógica” não nos deve fazer esquecer seu poder de ruptura como presença de dejeção, absolutamente parcial e sem participação nas formas imaginárias do corpo. Dessa forma, em um mundo em que tudo se vende, temos a aprender com os destinos do lixo.⁹

Onde há lixo, diz Lacan, há homens. O lixo localiza o tão humano ponto de encontro entre o significante e o real à maneira do sintoma: mais excesso que falta. É o fracasso da civilização e, exatamente por isso, o coração da cultura. Realiza o paradoxo do objeto *a*, resto irreduzível à simbolização, sem lugar no Outro, ao mesmo tempo dele dependente.¹⁰

O lixo delimita, sobretudo, um real ativo, ingrediente essencial na dança das vontades que agita os homens por acrescentar-lhe o lastro do impossível. Afinal, nem tudo o que faz o homem será humano se tudo o que diz o Outro for diretamente absorvido. O real com que lida o analista é próximo deste lixo essencialmente não-reciclável, que resiste não somente à determinações do Outro paterno, como também às exigências de reciclagem e reincorporação de nosso Outro empresarial.

De fato, toda uma indústria do resto exhibe hoje a impressionante capacidade de reapropriação dos objetos pelo capital. Todos? Basta contemplar a massa de detritos que se acumula nas periferias das grandes cidades para se convencer do quanto o utópico horizonte de reciclagem integral do lixo depende de quantos andares se subiu na escala da riqueza (o "lixão" do Rio de Janeiro já está com 30 metros de altura em uma área de mais de 1.300.000 m², correspondendo a 13 Maracanãs cheios).

“Nada mais fascinante do que estes seres noturnos que agarram na lixeira não sei o quê, de utilidade impossível de compreender”, diz Lacan.¹¹ Talvez o analista seja, a seu modo, um catador de lixo, sobretudo o não-reciclável, para com ele dar lugar a uma construção com a definitiva marca do singular. Em tempos de pai claudicante ele, talvez, busque menos destacá-lo em um tratamento, como resto absoluto, do que favorecer sua entrada, como escória, em arranjos originais. Que o espírito da bricolagem psicanalítica permita ao analista prosseguir, fazendo-se destinatário do bordado de restos que desenha o lugar do objeto para, com um pouco de sorte, dar a um estilo, moradia.¹²

¹ É o que talvez se possa deduzir do que propõe Lacan em seu seminário 17 (cf. Lacan, J. *O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, JZE, pp. 110).

2 Cf. Miller, J. A. "Pièces détachées", *A orientação lacaniana*, 2004-2005 (inédito), lição de 17/11/2004. O ponto de partida é a asserção "que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve" (Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 448). Nesta leitura, a frase agencia, de trás para diante: um dito (o que se diz), um ouvido (o que se ouve) e um dizer (que se diga). O conjunto se mantém na dependência subjuntiva de um "ficar/resto" esquecido (*reste oublié*). Neste sentido, cf. tb. Vereecken, C. "La voix, le silence, la musique", *Quarto n. 54*, Bruxelles, 1994, p. 90.

3 Lacan diz o mesmo quando situa a língua como uma elucubração de saber a partir de lalíngua (cf. Lacan, J. *Le Séminaire, livre XX*, Paris, Seuil, 1975, p. 126).

4 Ferfer, L. "Isso que passa ", *Opção lacaniana n. 30*, São Paulo, EBP, 2001 (agradeço a Maria Novaes a lembrança desta passagem).

⁵ Buarque, C. *Budapeste*, São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

6 Lacan, J. *Le Séminaire, livre X*, Paris, Seuil, 2004, p. 37.

7 Miller, J. A. "O Outro que não existe e seus comitês de ética", *A orientação lacaniana*, seminário inédito, lição de 4/12/96.

8 Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 411. A proximidade de um Outro não todo com a psicanálise talvez seja um "devaneio", como designou J. A. Miller em Comandatuba (<http://www.wapol.org/>), mas a "máquina do não todo", que tudo torna objeto, não (cf. Miller, J. A. "Intuitions milanaises", *Mental*, n. 12, Paris, 2002, p. 17). Quanto aos "futilitários", permito-me remeter o leitor à abertura do XIV Brasileiro do Campo Freudiano (cf. Vieira, M. A. Fazer Análise: do fútil ao fato, *Opção lacaniana n. 40*, São Paulo, 2004, pp. 21-26).

9 cf. Miller, J. A. "Introduction à la lecture do Séminaire *L'angoisse*", *La cause freudienne*, n. 59, p. 88 e Zenoni, A. "Le corps de la phénoménologie" *La cause freudienne*, n. 59, p. 106.

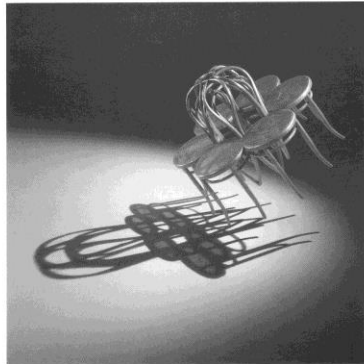
10 Cf. "A civilização (...) é o esgoto", Lacan, J. "Lituraterra", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 11. Quanto ao caráter paradoxal do objeto e de seu real próprio cf. Miller, J. A., *op. cit.* p. 75 e Lacan, J. "L'objet défini comme un reste irréductible à la symbolisation au lieu de l'Autre dépend, néanmoins de l'Autre", *Le Séminaire, livre X*, Paris, Seuil, 2004, p. 80

11 Lacan, J. *O Seminário livro 13 (O objeto da psicanálise)*, inédito, lição de 15/12/1965 (agradeço a Elisa Werlang a lembrança desta passagem). Nesta mesma lição se lê também: "A conjunção fortuita de um escrito, que tem relações estreitas com o objeto a, dá a toda conjunção não ordenada de escrito o aspecto da lixeira". Claro está que o lixo guarda relações íntimas com a letra e com o sintoma, que não puderam aqui ser desenvolvidas.

12 O lixo do Rio sustenta aproximadamente 15000 pessoas que trabalham durante o dia sem se livrar da marca da escuridão descrita por Lacan. Conhecemos hoje boa parte do que fazem: reciclam. Não somente. É comum na pobreza e especialmente no lixo, ser uma artífice da bricolagem com o resto. Neste sentido, Dona Estamira, conhecida esquizofrênica, merece destaque. Afirmando ter se casado com o espírito do lixo, "Dr. Cisco Monturo", fez do lixo literalmente um alicerce para sua casa. Convertendo resto em S1, livrou-se das alucinações, construiu sua casa em pleno lixo, educou seus filhos e tornou-se conhecida a partir de seu sintoma original, fruto de bricolagem (cf. Prado, M. *Jardim Gramacho*, Rio de Janeiro, Argumento, 2005).

OPÇÃO LACANIANA

Revista Brasileira Internacional de Psicanálise



Entrevista sobre a psicanálise
Considerações sobre a histeria
A estrutura cômica

Dezembro 2007

Edição Especial 50

- 239 Neurose, *Luis Ernetá*
242 Nó, *Pierre Škriabine*
246 Nomes do Pai, *Roberto Mazzuca*
250 Nomenclatura, *Samuel Basz*
255 Norma, normalidade, *Maurizio Mazzotti*
259 Nostalgia, *Manuel Zlotnik*

O

- 263 Objeto, objeto *a*, *Marcus André Vieira*
267 Obsessão, *Serge Cottet*
271 Ódio, *Philippe Lacadée*
275 Outro, *Pierre Naveau*

P

- 279 Pai, não vê...?, *Marie-Hélène Roch*
283 Passe 1, *Guillermo Belaga*
287 Passe 2, *Monique Kusneriek*
290 Passe 3, *Patrick Monribot*
294 Passe 4, *Celso Rennó Lima*
297 Pior, *Jean-Pierre Klotz*
300 Pêr-versão, *Oswaldo Delgado*
304 Perversão, *Alain Merlet*
307 Poesia, *Jo Attié*
313 Política, *Jorge Yumis*
316 Ponto de basta 1, *Christiani Alberti*
320 Ponto de basta 2, *Yves Depelsemaire*
323 Procriação, *François Ansermet*
327 Psicose, *Roger Wartel*
331 Psicoterapias, *Philippe Hellebois*

Q

- 334 Quantum, *Gerardo Arenas*

R

- 337 Real, *Ernesto Sinatra*
340 Realidade, *Massimo Recalcati*
343 Recalque, *Carlo Viganò*
346 Religião, *Amibal Leserre*

S

- 350 Seitas, *Romildo do Rego Barros*

OPÇÃO LACANIANA

ISSN 1519-3128

Brasil: Rua Albuquerque Lins 902/212 01230-000 São Paulo SP Fax: (5511) 5826 9733

Opção Lacaniana é uma revista psicanalítica brasileira internacional
Editada por Edições Eolia

Colaboração: Fundação do Campo Freudiano e Associação Mundial de Psicanálise
Acordos com "La Lettre Mensuelle" da École de la Cause freudienne

Integra a rede Scilicet III que reúne ao lado de Omicron? as seguintes publicações:

- Clique, Belo Horizonte - Cadernos de Psicoanálisis, Bilbao - El Psicoanálisis, Madrid
- Freudiana, Barcelona - La Cause Freudienne, Paris - La Psicoanalisi, Roma - La Psychanalyse, Atenas - Mental, Paris-Bruxelas - Opção Lacaniana, São Paulo - Quarto, Brumelas

FUNDADORES Antonio Beneti, Angelina Harari, Bernardino Horne, Luiz Henrique Vidigal

DIRETOR Jacques-Alain Miller

REDAÇÃO Angelina Harari

ASSISTENTES DA REDAÇÃO Mônica Bueno de Camargo e Cynthia N. de Freitas

COLABORAÇÃO Heloisa Caldas (Tradução), Jovita Carneiro Lima, Rosa Maria Rodrigues das Santos, Sílvia Pessoa, Marcus André Vieira (Clássicos) e Teresinha N. Meirelles do Prado (Distribuição)

EDITORAÇÃO Teresinha N. Meirelles do Prado

PRODUÇÃO GRÁFICA Produtores Associados (São Paulo)

Os colegas que desejarem receber Opção Lacaniana por correio ou desejarem difundir-la, podem dirigir-se à Redação (oplacaniana@gmail.com).

Capa: Thonetcando - Paris, 2007

Pablo Reinoso (artista plástico)